



REDES DIGITAIS DE CONSPIRAÇÃO ELEITORAL NO BRASIL: um estudo do fluxo interplataforma de atores e discursos sobre fraude nas urnas eletrônicas e manipulação eleitoral¹

DIGITAL NETWORKS FOR ELECTORAL CONSPIRACY IN BRAZIL: a study of the cross-platform flow of actors and speeches on voter fraud and electoral manipulation

Tatiana Dourado²
Sabrina Almeida³
Victor Piaia⁴
Danilo Carvalho⁵

Resumo: Este estudo busca identificar a rede de atores e a natureza discursiva em torno do tema da fraude nas urnas eletrônicas e da manipulação eleitoral no período do pleito municipal de 2020 no Brasil. Partindo do entendimento de que o acirramento dos conflitos entre as elites políticas influencia o sistema político e, por conseguinte, a estabilidade das instituições e normas democráticas, usamos um *corpus* de 1.426.687 *posts* do Facebook, YouTube e Twitter para examinar a posição de influência de quem publica sobre contestação eleitoral, entender o espraiamento desses conteúdos entre meios e as características que dão a eles um apelo conspiratório. O estudo mostra que esta pauta é mobilizada por figuras públicas ligadas à extrema-direita, principalmente atores políticos, e parte significativa com selo de verificação. A grande maioria desses discursos se baseia em opinião política, sem menção a fontes, e tem caráter eminentemente conspiratório.

Palavras-Chave: 1. Fraude nas urnas 2. Eleições 3. Conspiração

Abstract: *This study seeks to identify the network of actors and the discursive nature around the topic of voter fraud and electoral manipulation during the 2020 Brazilian municipal election. Based on the understanding*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Cultura política, Comportamento e Opinião Pública da 9ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (9ª COMPOLÍTICA), realizado em formato remoto, de 24 a 28 de maio de 2021.

² FGV DAPP, Doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea pela UFBA, tatiana.dourado@fgv.br

³ FGV DAPP, Doutora em Ciência Política pela UFMG, sabrina.almeida@fgv.br

⁴ FGV DAPP, Doutor em Sociologia pela UERJ, victor.piaia@fgv.br

⁵ FGV DAPP, Mestrando em Informática pela UFRJ, daniilo.carvalho@fgv.br.

that the intensification of conflicts between political elites influences the political system and, therefore, the stability of democratic institutions and norms, we used a corpus of 1,426,687 posts (from Facebook, Twitter, and YouTube) to examine the position of influence of those publishes about electoral contestation, understanding the spread of these contents among media and the characteristics that give them a conspiratorial appeal. The study shows that this agenda is mobilized by far-right public figures, mainly political actors, and a significant part with a verification stamp. The vast majority of these speeches are based on political opinion, with no mention of sources, and are fully conspiratorial.

Keywords: 1.Voter Fraud 2.Elections 3.Conspiracy

1. Introdução

A ascensão de líderes políticos que se identificam e se promovem a partir da radicalização ideológica, estimulando a desconfiança e o distanciamento dos que se encontram “do outro lado” (*out-groups*), compõe a realidade global contemporânea. A polarização partidária e ideológica, por um lado, se conforma em arranjos democráticos (ABRAMOWITZ, 2010), porém, quando acompanhada de uma estratégia de enfraquecimento das instituições políticas e normas democráticas, pode gerar consequências lesivas à estabilidade das democracias (LEVITSKY & ZIBLATT, 2018; GRAHAM & SVOLIK, 2020; ABRAMOWITZ, 2019). No Brasil, embora muitos estudos tenham se debruçado sobre o tema da polarização nos últimos anos (SINGER, 2016; BORGES & VIDIGAL; 2018; RIBEIRO et al, 2018), ainda há uma produção restrita que se dedique à compreensão de suas consequências políticas, principalmente quando potencializadas pelas dinâmicas comunicacionais que as mídias sociais propiciam.

Nessa perspectiva, e sob uma circunscrição mais recente no Brasil, a promoção dessas práticas, que inevitavelmente acarretam resultados políticos, pode contribuir para o aumento da desconfiança – não restritas apenas a adversários políticos/partidários –, e da rejeição à preferência pela democracia, que já vem

sofrendo queda nos últimos anos⁶. Essa constatação pode ser uma das faces mais nocivas da polarização (ABRAMOWITZ, 2019). No embrião desse processo, a polarização afetiva, que se vale do fortalecimento das identidades compartilhadas de um grupo (interno), está fortemente vinculada à ideia da hostilidade a indivíduos de grupos externos (*out-party; out-group*), sustentada e elaborada continuamente para produzir desafeição e estigmatização àqueles que possuem preferências políticas divergentes (IYENGAR et al, 2018; IYENGAR & KRUPENKIN, 2018; IYENGAR et al, 2019).

Como parte deste contexto de polarização aguda, que se desenvolve pela primeira vez na história numa era de hiperconexão social permanente, mensagens de teor conspiratório, negacionista e antissistema têm atraído engajamento, subsidiado discussões e ajudado a formar opiniões sobre assuntos variados e questões de interesse público. A propagação de discursos perigosos e de conteúdos problemáticos, portanto, pode estar associada às crises de legitimidade em muitas democracias (BENNETT, 2018) e pode beneficiar líderes e grupos políticos que não prezam por valores e procedimentos aderentes a esse tipo de sistema político. As consequências de longo prazo, no entanto, seguem incertas e como objeto de disputa. Pensar a polarização política e o acirramento de atitudes antidemocráticas, portanto, lança luz sobre o papel das elites políticas e sobre os usos dos ambientes comunicacionais nos processos que fomentam a desconfiança institucional.

Diante deste contexto, este trabalho se propõe a investigar a rede de atores que se conforma em torno do tema da fraude na urna eletrônica e da manipulação eleitoral, um vértice elementar da paisagem antidemocrática protagonizada pela extrema-direita *online*. Os dados consistem nas publicações feitas no Facebook, Twitter e YouTube entre os dias 1 e 30 de novembro, no contexto das eleições municipais brasileiras de 2020. A pesquisa tem por objetivo identificar os atores mais influentes e examinar a natureza conspiratória desses discursos. No tópico teórico, delimitamos a contestação eleitoral como pauta antissistema e conspiratória que se

⁶ A Cara da Democracia no Brasil: satisfação com a democracia e conjuntura política no Brasil. Relatório de divulgação de pesquisa nacional realizada pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) – Instituto da Democracia e da Democratização da Comunicação (2018).

desenvolve no âmbito de redes conservadoras *online* e junto ao contexto do populismo contemporâneo. Após a descrição metodológica, os resultados mostram quem são os atores mais influentes nessas conversas políticas, tendo o desempenho médio digital como indexador; a reverberação dos posts do Twitter e do YouTube no Facebook; e os temas e natureza discursiva dessas publicações.

2. Enquadramento teórico

A primeira experiência de automatização da coleta de votos no Brasil foi implementada nas eleições municipais de 1996 em 57 municípios, mas a ideia de uma “máquina de votação” já aparecia como projeto já no Código de 1932, a primeira lei eleitoral. Tavares e Moreira (2011, p. 15-16) situam que, embora projetos de urnas eletrônicas tenham sido apresentados ao TSE desde então, esse processo foi impulsionado pela criação do cadastro único informatizado de eleitores no ano de 1986. Neste período, houve ainda a criação de um parque computacional com rede interligada de transmissão de dados. Para os autores, a urna eletrônica é eficiente, porque proporciona o conhecimento do resultado eleitoral em tempo mínimo (enquanto que a demora da apuração pode oportunizar a ocorrência de fraudes), e é um exemplo de segurança do voto, sendo regida por princípios de transparência (TAVARES, MOREIRA, 2011). Antes disso, o tipo possível de fraude debatido publicamente girava em torno do cadastramento e do aumento artificial do número de eleitores (NICOLAU, 2004). Nas eleições majoritárias de 1998, o uso das urnas eletrônicas que abrangeu a maioria dos eleitores (58,3% do total de 106.053.106 à época) favoreceu o aumento da participação política (NICOLAU, 2004).

Com o surgimento da internet comercial, alegações de fraude nas urnas e fraude eleitoral têm sido reproduzidas em *sites* de natureza diversa, entre *blogs* e canais noticiosos, muito antes do *boom* das mídias sociais, tendo engenheiros, programadores e professores universitários como porta-vozes. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) garante que o voto eletrônico é seguro, que a infraestrutura do sistema é inviolável e que é impossível identificar em quem o eleitor votou, seguindo

determinação constitucional de sigilo de voto⁷. Aponta ainda que são realizados testes públicos de segurança, votações paralelas e auditorias de funcionamento⁸ periodicamente. Nos últimos anos, entretanto, a contestação das urnas e a desconfiança do processo eleitoral como um todo têm sido centrais para mobilizar redes digitais mais radicalizadas presentes em plataformas de mídias sociais (MUNN, 2021). Quem costuma aderir às teses de fraude na urna eletrônica, na apuração dos votos e no processo eleitoral argumentam que o Brasil é o único país no mundo a usar esse tipo de sistema automatizado, que o *software* pode ser adulterado e que a contagem de votos não pode ser auditável, ficando a cargo do equipamento, entre outros motivos.

Essas alegações não se baseiam em fatos, já que a existência de fraude na urna ou em alguma etapa do processo eleitoral não é considerada e nunca foi provada. Publicações do tipo dependem, portanto, de suposições, especulações, distorções e falsificações, que costumam envolver atores políticos e institucionais, tendo como alvos políticos de esquerda, países governados pela esquerda e o próprio TSE. Em um padrão semelhante ao de teorias da conspiração, cuja elaboração conceitual sugere a existência de pessoas e grupos poderosos capazes de maquiinar e corromper o sistema de forma oculta (SUSTEIN, VERMEULE, 2009), a urna eletrônica e a eleição em si seriam manipuladas por agentes influentes (empresários, filantropos, empresas de *software*, *hackers*, governos e partidos) com o objetivo de manter a esquerda no poder⁹. Pyrhönen e Bauvois (2020) afirmam que, assim como o Pizzagate, a crença na fraude nas urnas explora a ideia da “elite corrupta” imbuída de destruir a democracia, com alegações de que imigrantes e pessoas mortas tinham votado ilegalmente, por exemplo, e mantinha volume de publicações expressivo a ponto de poluir a paisagem informativa *online* no contexto eleitoral de 2016.

⁷ Disponível em <https://www.tse.jus.br/eleicoes/urna-eletronica> Acessado em 28 de abril de 2021.

⁸ Disponível em <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2020/Dezembro/veja-como-funciona-a-auditoria-de-funcionamento-das-urnas-eletronicas> Acessado em 28 de abril de 2021.

⁹ Esta matéria oferece um resumo das elaborações de teorias da conspiração sobre fraude nas urnas que circularam nas eleições de 2014. Disponível em: <https://tecnoblog.net/meiobit/301637/nova-teoria-conspiratoria-contr-o-partido-dos-trabalhadores-aponta-envolvimento-do-richard-stallman-na-suposta-fraude-das-eleicoes/> Acessado em 29 de abril de 2021.

No Brasil, identificamos, em recente relatório publicado pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getulio Vargas (FGV DAPP), um acumulado de 103.542 *links* (URLs) e 337.204 postagens no Facebook e no YouTube entre os anos de 2014 e 2020 que abordam a desconfiança no sistema eleitoral. Este levantamento revelou que o volume de publicações que exploram o ceticismo sobre o sistema eleitoral apresenta crescimento inclusive em anos não-eleitorais. Por exemplo, embora seja uma questão mais central em pleitos majoritários, esse tipo de conteúdo circulou intensamente nas eleições municipais de 2020 (neste caso, considerou-se um intervalo de nove meses), ficando atrás somente de 2018 (FGV DAPP, 2020a). Em seguida, ao observarmos apenas os 30 dias do mês de novembro de 2020, localizamos 1.426.687 postagens publicadas no Facebook, YouTube e Twitter que alimentam o clima de opinião de desconfiança eleitoral. No contexto de 2020, quando houve ataque cibernético ao sistema do TSE no dia da apuração do primeiro turno, somou-se à tese de fraude generalizada nas eleições o apelo pela reinserção do voto impresso (FGV DAPP, 2020b).

Nas eleições de 2018 no Brasil, um estudo localizou um volume de 1.483.322 de *tweets* apenas em seis dias do mês de outubro com menção às urnas eletrônicas (RECUERO, 2020), o que dá uma dimensão das redes que põem em circulação conteúdos sobre o assunto. Recuero (2020) aponta que, diante de um contexto polarizado, frequentemente líderes de opinião adotam estratégias que têm por objetivo reforçar discursos e narrativas que confirmem suas visões políticas específicas, privilegiando conteúdos e veículos hiperpartidarizados. O caráter mais radicalizado, tanto dos usuários quanto dessas fontes, segundo a autora, aumenta a circulação de conteúdos enganosos no ecossistema das mídias sociais. *Fake news* sobre fraude nas urnas circularam intensamente no Facebook, Twitter e WhatsApp ainda no período pré-eleitoral entoados por canais e atores alinhados à extrema-direita, refletindo identidades e afetos ligados ao bolsonarismo, ao antipetismo, ao lavajatismo, ao antiesquerdismo, ao patriotismo, ao nacionalismo, ao intervencionismo militar, ao conservadorismo religioso e etc (GOMES, DOURADO, 2019). A contestação das urnas e do sistema eleitoral continuou como preocupação predominante do eleitorado de perfil conservador, das direitas e, mais

especificamente, bolsonarista, desdobrando-se em mais conteúdos altamente polarizados e *fake news* (ALVES, 2019; DOURADO, 2020; CHAGAS, CARREIRO, 2021; PIAIA, 2021; SANTOS et al., 2021). Uma estudo sobre os temas de campanha oficiais dos dois principais presidentiáveis (com base nos vídeos postados nas *fanpages* de Fernando Haddad, do PT; e Jair Bolsonaro, do PSL) mostra que o “descrédito nas urnas eletrônicas” foi pautado apenas pela candidatura de Jair Bolsonaro (WEBER et al, 2021, p. 46).

Como consequência do contexto político radicalizado e da era de hiperconexão social, ideias conspiratórias sobre fraude nas urnas têm se deslocando progressivamente da periferia ao centro do debate político e hoje embasam ações nas arenas institucionais. Na minirreforma eleitoral de 2009, o Congresso Nacional aprovou (Lei nº 12.034/2009) a necessidade de impressão da identificação de voto vinculada à assinatura digital para as eleições presidenciais de 2014, o que foi invalidado pelo Supremo Tribunal Federal em 2011. Em 2015, por iniciativa do então deputado federal Jair Bolsonaro (então PP), a reinserção do voto impresso como suplementação ao eletrônico foi incluída na minirreforma eleitoral, o que foi considerado inconstitucional pelo STF antes das eleições de 2018, por decisão liminar, com posicionamento mantido após apreciação do mérito em 2020. A Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 135/19, conhecida como PEC do Voto Impresso e de autoria da deputada federal Bia Kicis, é outra iniciativa em tramitação na Câmara dos Deputados, com desejo do governo federal para que seja aprovada até as eleições de 2022¹⁰. Em março de 2020, já como presidente, Jair Bolsonaro afirmou que existe fraude nas urnas nas eleições brasileiras, mas sem apresentar provas¹¹.

Pelo teor conspiratório, consideramos que os discursos que circulam nas mídias digitais sobre fraude nas urnas e nas eleições não devem ser tratados como meras críticas ou como resultado de pressão social e de ação coletiva reivindicando

¹⁰ Disponível em <https://veja.abril.com.br/blog/maquiavel/apesar-da-ccj-travada-bia-kicis-so-pensa-em-outra-coisa-o-voto-impresso/>. Acessado em 29 de abril de 2021.

¹¹ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/01/veja-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-urnas-eletronicas-e-fraude-em-eleicao-sem-apresentar-provas.shtml>. Acessado em 29 de abril de 2021.

ao TSE mais transparência pública na contagem de votos. Esses enunciados, ao contrário, fomentam um clima de inconformismo social em agrupamentos conservadores de extrema-direita brasileira. O modo como essa crença se expande por plataformas e canais digitais, de forma alinhada à retórica populista, tende a se intensificar com a proximidade das eleições, a ver pelo exemplo da invasão do Capitólio por apoiadores de Donald Trump após a derrota eleitoral nos Estados Unidos. “Se nós não tivermos o voto impresso em 22, uma maneira de auditar o voto, nós vamos ter um problema maior que nos Estados Unidos. (...) A fraude existe”, disse Bolsonaro após o episódio¹². Segundo Prior e Araújo (2021, p. 6), os vieses anti-elite e anti-sistema por parte do populista reforçam a imagem pública desse ator político como “impoluto que não pertence ao sistema político tradicional” e, por isso mesmo, “um homem comum”. O comportamento antissistema, portanto, representa o posicionamento contrário ao ordenamento dominante¹³.

Sob a ótica da mediação das mídias digitais, o fluxo de conteúdo problemático e democraticamente nocivos, como *fake news* (notícias fabricadas), opiniões conspiratórias e discursos políticos falaciosos sobre questões públicas, pode ser entendida como estratégias discursivas que geram percepções equivocadas da realidade e induzem o comportamento eleitoral seja em nichos fragmentados *online* seja quando conquistam visibilidade na esfera pública. A consolidação de um ecossistema de mídia conservadora hiperpartidarizada é fundamental para alimentar e inflamar movimentos reacionário de direita (BENNETT et al, 2018). Pesquisas têm mostrado que comportamentos e discursos de incivilidade online se vinculam à distribuição de falsidades e à paisagem enganosa como um todo, especialmente aqueles que dirigem ataques a partidos e partidários (ALVES, 2019; DOURADO, 2020; HAMELEERS et al, 2021). Garret et al (2019) argumenta que a polarização

¹² Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/07/um-dia-apos-a-invasao-do-capitolio-bolsonaro-volta-a-dizer-sem-provas-que-houve-fraude-na-eleicao-dos-eua.ghtml> Acessado em 29 de maio de 2021.

¹³ Boaventura de Sousa Santos (2021) explica que a postura antisistema que acompanha os movimentos populistas de extrema-direita neste século XXI tem se vinculado à verve autoritária de supressão da democracia, e não à subversão do modelo capitalista pelo paradigma da democracia radical. Disponível em <https://outraspalavras.net/movimentoserebeldias/boaventura-grande-disputa-pelo-antissistema/>

incide nas crenças em conteúdos que geram desinformação e reforça que em uma democracia é preciso criar condições que favoreçam decisões informadas e, por conseguinte, favoreçam o bem-estar coletivo.

3. Metodologia

Combinando métodos digitais e análise de conteúdo, esta pesquisa exploratória se baseia em um *corpus* de 1.426.687 *posts* de mídias sociais, sendo 96.001 do Facebook, 862 do Youtube e 1.330.600 do Twitter. Os dados foram coletados entre os dias 1 e 30 de novembro de 2020, mês que abrange as eleições presidenciais nos Estados Unidos, bem como o primeiro e o segundo turno da corrida municipal no Brasil, por diferentes ferramentas: no Facebook, por meio do Crowd Tangle; no YouTube, por meio da própria API pública; no Twitter, por meio do Trendsmap. O processo de coleta de dados foi orientado por estruturas linguísticas únicas para os três meios, que incluíram palavras, termos e expressões relacionados a temas e subtemas que envolvem a noção de desconfiança no sistema eleitoral, como fraude nas urnas, vulnerabilidade do voto, golpe eleitoral, voto impresso, interferência ilegítima e manipulação do sistema de apuração¹⁴.

O estudo busca responder as seguintes questões de pesquisa: *Quais são os principais atores e a natureza dos discursos que visam a minar a confiança no sistema eleitoral brasileiro? Como se distribuem em atividade e engajamento os campos políticos em disputa? Delineamos como pressuposto que há uma captura do discurso da contestação eleitoral pelo campo político da direita e alinhados ao governo Jair Bolsonaro, não havendo atuação relevante dos atores políticos da esquerda e de oposição ao governo, nem sendo tratado como tema de disputa política por esse segmento. Consideramos ainda, como pressuposto secundário,*

¹⁴ A estrutura de coleta e o *corpus* formado a partir disso foi desenvolvido e primeiramente usado no relatório de pesquisa intitulado “O Ecossistema Digital nas Eleições Municipais de 2020 no Brasil: O buzz da desconfiança no sistema eleitoral no Facebook, YouTube e Twitter”. O documento foi publicado no mês de dezembro de 2020 pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV DAPP). Disponível em <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/30061>

que há convergência discursiva em torno de elementos comuns (voto impresso, perseguição da imprensa, ataques às instituições democráticas, desconfiança na segurança e transparência nos sistemas de votação...) que visam a fomentar a desconfiança no sistema eleitoral.

A análise se divide em três partes. Na primeira, o estudo identifica como se distribui o desempenho médio dos principais atores responsáveis por publicar sobre os temas em análise. O desempenho é aferido pela média de engajamento, cujo cálculo se adequa às métricas de cada plataforma analisada. Sendo assim, o cálculo consiste na soma das métricas de engajamento adotada da rede dividida pelo número de publicações de cada ator no período analisado que tangencia o tema. No Facebook, foi considerado o somatório de curtidas, comentários, compartilhamentos e reações; no Youtube, o acúmulo de visualizações; e no Twitter, a métrica de engajamento considerada foi o retuíte. Aqui, é importante frisar que embora essa base de dados seja formada por postagens que tocaram em um dos assuntos da desconfiança no sistema eleitoral, principalmente fraude eleitoral e fraude nas urnas, não significa que todos eles são adeptos de teses conspiratórias e de discursos antissistema. A segunda etapa de análise gira em torno de uma amostra de 96 mil publicações coletadas no Facebook, que foi usada como plataforma-referência para se entender a presença de postagens originais dos outros dois meios (Twitter e YouTube) no referido ambiente. Essa amostra consiste nas publicações feitas pelas 20 contas com maior desempenho digital nas três plataformas estudadas. O objetivo foi identificar o eixo principal de disseminação *online* de conteúdos de contestação eleitoral.

Finalmente, o estudo analisa os tópicos e a natureza discursiva das publicações que exploram a ideia de fraude eleitoral. Nessa etapa, foi realizada análise de conteúdo com, inicialmente, 81 publicações no Facebook, o que depois foi reduzido para 68 *posts* porque 13 haviam sido removidos. Essa subamostra foi formada com base nas publicações das 20 contas mais influentes previamente selecionadas. A análise de conteúdo foi orientada por quatro categorias: 1) tema da publicação (tópico central da narrativa); 2) fonte que embasa a publicação (referência que subsidia o relato do *post*); 3) *post* verificado (se foi sinalizado como

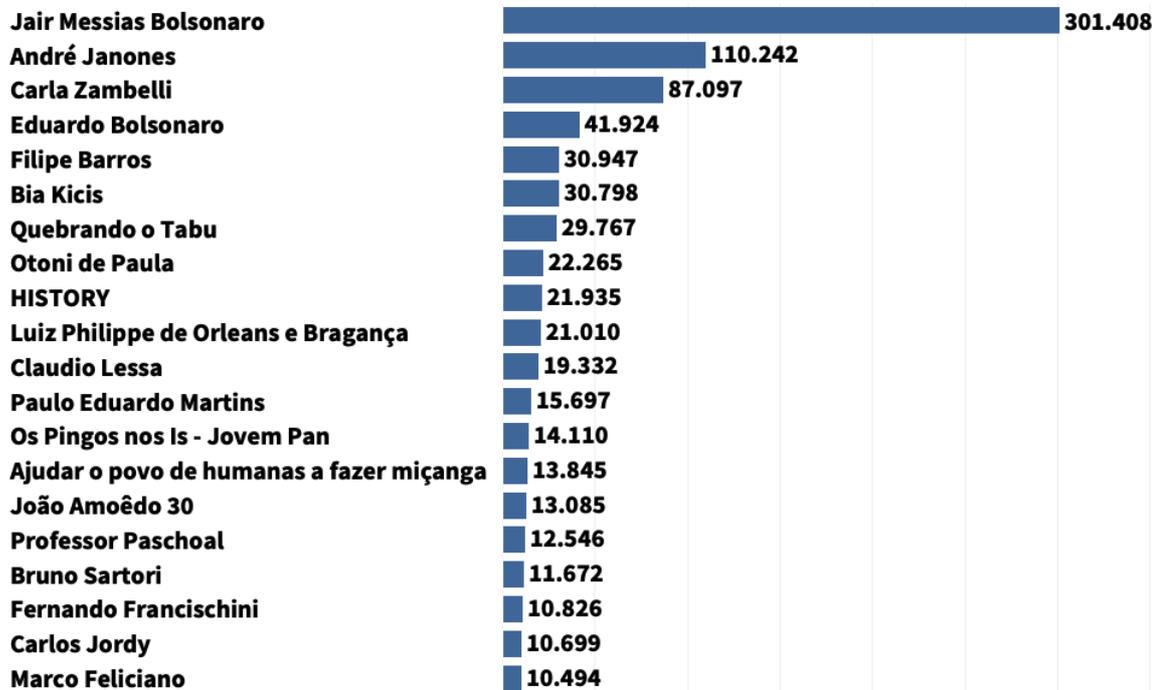
falso ou não-confiável pela plataforma); 4) se tem caráter conspiratório. A categorização foi realizada por dois codificadores e os casos divergentes foram definidos por um terceiro. Entre as categorias, a definição sobre caráter conspiratório ou não de uma publicação é a que apresenta maior margem interpretativa. Nesse caso, para a definição do caráter conspiratório, averiguamos se a narrativa situa a existência de planos secretos, de grupos poderosos que praticam manipulação sistemática, o divisionismo entre povo e elite corrupta, a ideia de que a democracia e as eleições são controlada por poucos de forma oculta, assim como “conjunto de provas” que apoiam as teses disseminadas.

4. Resultados

Atores mais influentes

Facebook - A partir da média do total de engajamento obtido pelos perfis verificados, páginas e grupos públicos envolvidos no debate sobre desconfiança no sistema eleitoral brasileiro, é possível a identificação dos principais influenciadores sobre o tema, ou seja, os que obtiveram maior alcance e repercussão no Facebook. A lista dos 20 principais influenciadores é marcada pela forte presença de perfis verificados de figuras públicas, com a presença duas páginas de veículos de mídia “History Channel” e “Os Pingos dos Is - Jovem Pan”; uma página de canal de mídia conservadora de direita, Claudio Lessa; uma página de ativismo ligada ao campo progressista, “Quebrando o Tabu”; uma página de ativismo ligada ao campo conservador, “Professor Paschoal”; e duas páginas humorísticas, “Ajudar o povo de humanas a fazer miçanga” e “Bruno Sartori”.

Gráfico 1 - Desempenho Digital - Facebook



Fonte: Facebook | Elaboração: Os autores.

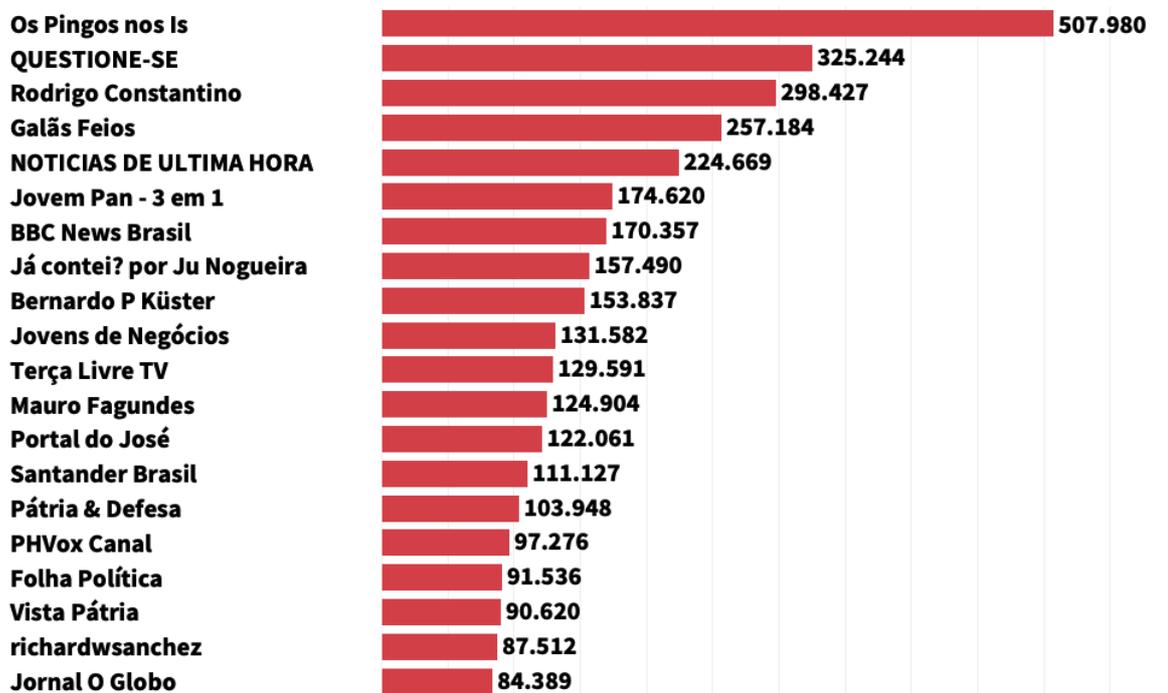
As figuras políticas que se engajaram no tema se distribuem por diferentes cargos representativos que vão desde à presidência da República (Jair Bolsonaro), passando por deputados federais como André Janones (Avante-MG), Carla Zambelli (PSL-SP), Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), Filipe Barros (PSL-PR), Otoni de Paula (PSC-RJ), Luiz Philippe de Orléans e Bragança (PSL-SP), Paulo Eduardo Martins (PSC-PR), Fernando Francischini (PSL-PR), Carlos Jordy (PSL-RJ) e Marco Feliciano (Republicanos-SP), até ex-presidenciais, como João Amoêdo (NOVO). Importante destacar que, dessa lista, nem todos produziram posts que colocaram o sistema eleitoral sob desconfiança, sendo incluídos por postagens que dialogaram com essa narrativa, sem necessária adesão, como André Janones e João Amoêdo.

Apesar de a análise da evolução do debate indicar grande predominância de perfis que endossaram suspeitas em relação ao sistema eleitoral, a análise do desempenho digital também ressalta a presença e o espaço de influenciadores críticos, que formaram um conjunto heterogêneo, incluindo perfis como “Quebrando

o Tabu”, “Ajudar o povo de humanas a fazer miçanga”, “João Amoêdo 30”, “History Channel” e Bruno Sartori”. Nota-se uma diferença entre os padrões de comunicação dos campos políticos, com maior intensidade de atuação de grupos e páginas pequenas, sobre este tema, no campo conservador e um cenário mais plural entre os principais influenciadores -- ainda que com predominância de perfis alinhados ao governo. A diferença também fica evidente em relação ao engajamento obtido por perfis da política institucional alinhados ao campo conservador, que formam uma espécie de “bancada digital” em torno do tema. A ausência de perfis da política institucional ligados ao campo da esquerda é marcante, de modo que a presença desse campo se faz presente de modo difuso por meio de páginas humorísticas ou em alinhamento efêmero com linhas editoriais de veículos de mídia tradicional.

Youtube - Ao medirmos a performance digital dos atores no YouTube, portanto, identificamos que 15 perfis se destacaram em termos de influência, o que é aferido tendo em vista o acumulado de visualizações por postagens feitas pelo mesmo ator. Neste fronte, estiveram principalmente canais vinculados ao campo da direita, entre eles, programas noticiosos pretensamente informativos e influenciadores do conservadorismo. Canais do jornalismo de cobertura balanceada podem ser considerados exceções à regra. Entre eles, estão: “Os Pingos nos l’s” (da Rádio Jovem Pan e inclinado à direita), “Questione-se” (de Renato Barros, que se apresenta como pró-Trump e pró-Bolsonaro), “Rodrigo Constantino” (figura central da direita nas redes), “Galãs Feios” (do jornalista Helder Maldonado, que mistura humor e opinião sobre política), “Notícias de Última Hora” (cobertura política sensacionalista e sem assinatura).

Gráfico 2 - Desempenho Digital - Youtube

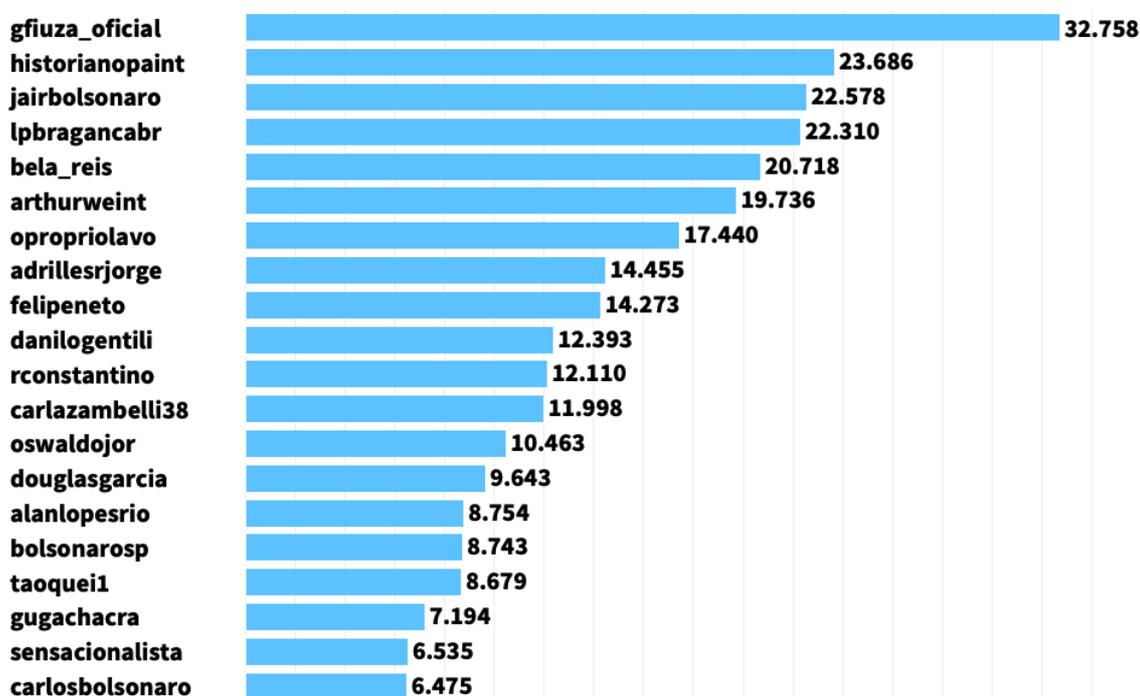


Fonte: YouTube | Elaboração: Os autores.

Há ainda “Jovem Pan - 3 em 1” (programa da Rádio Jovem Pan que tem no elenco Paulo Mathias, Thais Oyama, Rodrigo Constantino e Josias de Souza); BBC News Brasil (subsidiária da British Broadcasting Corporation - BBC - no Brasil); Bernardo P Küster (diretor do Brasil Sem Medo e ideólogo da direita); Jovens de Negócios (*youtuber* de finanças e de política); “Terça Livre TV” (autointitulado o maior canal conservador do país); “Mauro Fagundes” (*youtuber* de cobertura sensacionalista e que assume teses como fraudes eleitorais no Brasil e nos Estados Unidos); “Portal do José” (portal de cobertura sensacionalista crítico à direita e ao governo atual); “Pátria & Defesa” (de *youtuber* que comenta política e defende militarismo); e PHVox Canal (*youtubers* de cobertura política de ideologia ultraconservadora); “Folha Política” (cobertura política alinhada ao bolsonarismo); e “Vista Pátria” (cobertura política de viés ultraconservador). Esse panorama demonstra que as contas que propagam ideias pertencem a redes do conservadorismo de direita.

Twitter - O cálculo para a mensuração de desempenho médio dos atores no Twitter consiste na soma dos retuítes dividida pelo número de publicações de cada ator naquele período sobre o tema. O critério privilegia avaliar a capacidade de mobilização e engajamento a despeito da frequência das postagens.

Gráfico 3 - Desempenho Digital - Twitter



Fonte: Twitter | Elaboração: Os autores.

A análise dos perfis mais influentes em engajamento médio indica presença notória de políticos e influenciadores ligados à direita. Esses perfis exibiram alta atividade em número de postagens e total de interações ao longo dos eventos que marcaram o mês de novembro. As publicações que alcançaram maior volume de engajamento são do jornalista de direita @gfiuza_oficial. Dentre os perfis mais relevantes encontra-se o presidente Jair Bolsonaro que produziu conteúdo reduzido sobre o tema das eleições e do sistema eleitoral, porém, gerou volume expressivo de interações; alguns atores da política tradicional, que foram bastante atuantes no

debate, a exemplo dos deputados federais @carlazambelli38, @lpbragancabr e @bolsonarosp; além do candidato a vereador @alanlopesrio e o vereador @carlosbolsonaro. Blogueiros e influenciadores aliados ao governo também registraram engajamento relevante, a exemplo dos perfis @opropriolavo, @rconstantino, @oswaldojor e @taoquei1.

Os perfis críticos ao governo situados entre os mais relevantes em desempenho médio apresentaram poucas postagens referentes ao tema. No entanto, geraram volume acentuado de interações perfis humorísticos: @HistoriaNoPaint e @sensacionalista; e os influenciadores @bela_reis, @felipeneto, @danilogentili e @gugachacra. Novamente, aqui, destaca-se a ausência de lideranças políticas da esquerda e da política tradicional. Identifica-se, portanto, que o debate em torno do tema da desconfiança eleitoral não foi tratado como tema de interesse público e de disputa política pelo segmento de oposição ao governo.

O espalhamento entre redes

Utilizando as 96 mil publicações coletadas no Facebook como referência, foi realizado um cruzamento entre as 20 contas (entre perfis, páginas e canais) com maior desempenho digital nas três plataformas analisadas com o objetivo de identificar o núcleo duro de atores engajados na produção discursiva e disseminação das mensagens sobre fraude nas urnas e manipulação eleitoral. A proposta visa um exercício de redução dos atores envolvidos no debate, concentrando as análises a um conjunto que, segundo argumentamos, condensa as principais narrativas e estratégias discursivas sobre esses temas. Para isso, foi preciso verificar os vídeos e tuítes publicados no YouTube e no Twitter, respectivamente, que foram compartilhados em publicações do Facebook. Ou seja, buscou-se identificar que atores, entre os mais relevantes em suas redes originais, transbordaram sua influência para uma plataforma vizinha, indicando centralidade e impacto no debate sobre o tema em questão.

Entre os 20 perfis com maior desempenho digital no Twitter, 11 tiveram tuítes compartilhados em publicações no Facebook, seja pelo envio do *link* (URL), seja por meio de *print screens* das publicações, são eles: Alan Lopes, Arthur Weintraub, Carla Zambelli, Douglas Garcia, Eduardo Bolsonaro, Guilherme Fiuza, Luiz Philippe de Orleans e Bragança, Olavo de Carvalho, Oswaldo Eustáquio, Rodrigo Constantino e Te Atualizei. Já entre os 20 perfis com a maior média de publicações no YouTube, oito tiveram seus vídeos compartilhados no Facebook, quais sejam, Folha Política, Questione-se, Galãs Feios, Bernardo P. Küster, Vista Pátria, Richard W. Sanchez, Terça Livre e Mauro Fagundes. Somente quatro perfis estiveram entre os 20 com maior desempenho digital em duas redes diferentes, sendo o próprio presidente Jair Bolsonaro, e três deputados federais alinhados ao governo, Carla Zambelli, Eduardo Bolsonaro e Luiz Philippe de Orleans e Bragança.

Chega-se, assim, a um conjunto de 20 atores que estiveram entre os atores com maior desempenho digital em uma rede e também exerceram influência em outra plataforma, no caso, o Facebook. Entre eles, nota-se a presença de 12 perfis ou canais de influenciadores (incluindo, nessa categoria, jornalistas); seis atores ligados à política institucional; e dois veículos de mídia conservadora de direita. Do ponto de vista do alinhamento político, apenas o canal “Galãs Feios” atua como canal de cobertura política geral (não-partidarizada), embora crítico ao governo.

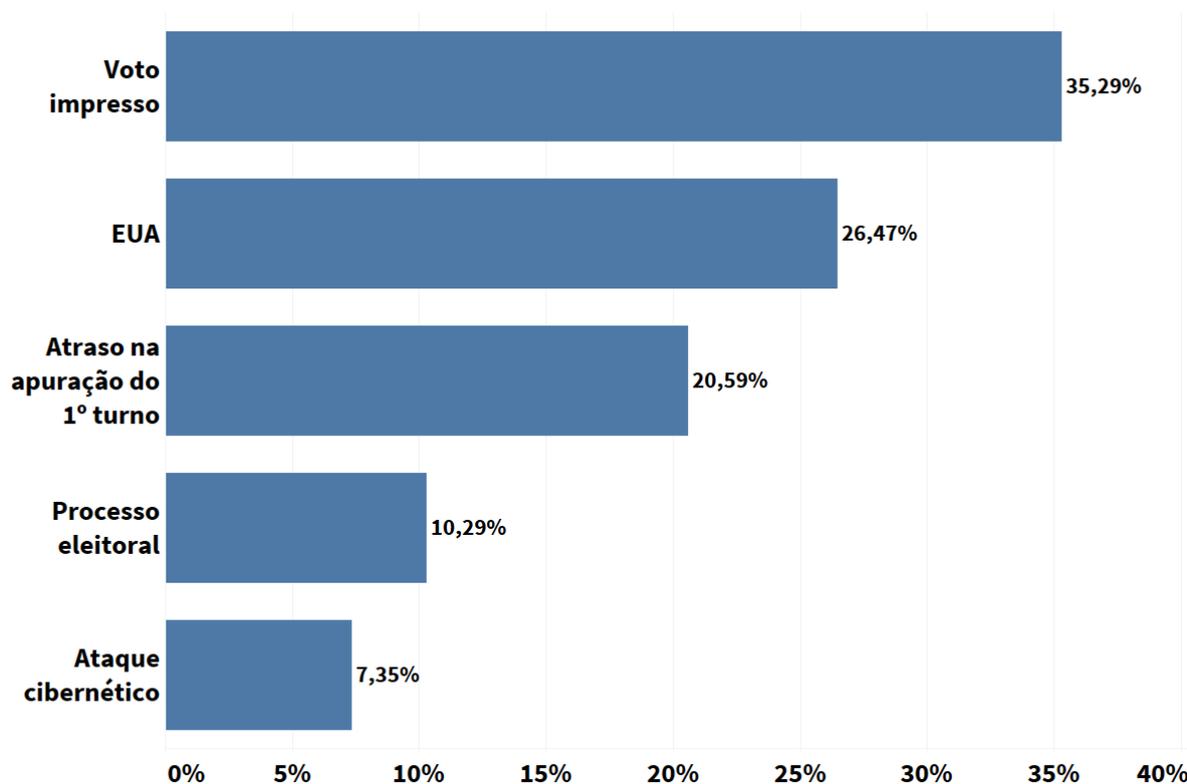
Os temas e a natureza discursiva

Os 20 perfis selecionados somaram 81 publicações únicas no Facebook, sendo que, destas, 13 foram removidas¹⁵, de modo que apenas 68 puderam ser analisadas qualitativamente. A análise foi realizada por meio de uma catalogação em quatro categorias: 1) tema da publicação; 2) fonte que embasa a publicação; 3) *post* verificado; 4) se tem caráter conspiratório. Como explicado na metodologia, dois codificadores classificaram os dados e um terceiro desempatou em casos

¹⁵ Entre os materiais removidos se destacam vídeos de canais de influenciadores alinhados ao governo, como Questione-se, Terça Livre e Mauro Fagundes, além de posts do deputado federal Luiz Philippe de Orleans e Bragança.

divergentes. A primeira análise se refere ao tema das publicações. Nessa categoria foram catalogadas cinco temas, que se distribuíram da seguinte forma:

Gráfico 4 - Temas das publicações sobre desconfiança no sistema eleitoral



Elaboração: Os autores

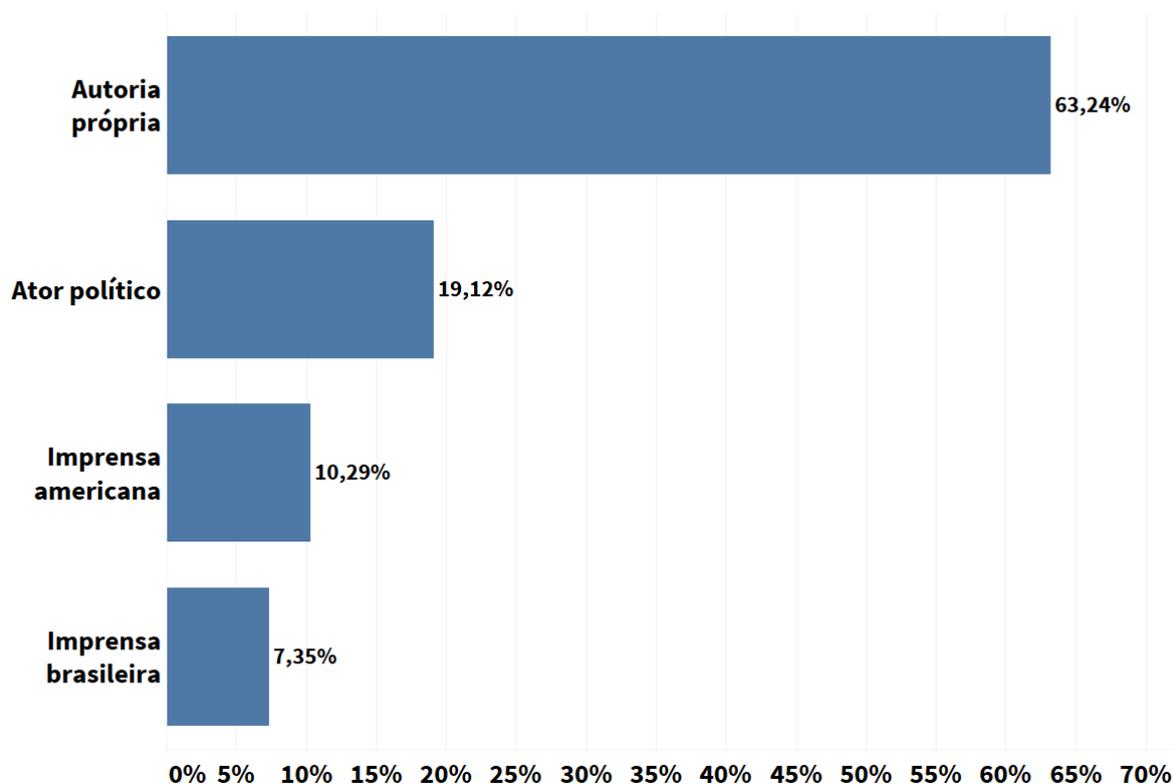
Em relação a esse conjunto, 35,3% das publicações tiveram o voto impresso, desassociado de qualquer outro evento ocorrido no período, como tema. Em segundo lugar, há *posts* que repercutiram as denúncias de fraude eleitoral feitas pela campanha de Donald Trump, nos Estados Unidos. Os problemas relacionados às eleições municipais do Brasil somaram 27,9%, distribuídos entre 20,59% de menções ao atraso na apuração do 1º turno (incluindo publicações sobre a compra do “supercomputador” adquirido pelo TSE para fazer a totalização dos votos) e 7,35% referentes à divulgação de um ataque *hacker* ocorrido no sistema da Justiça



eleitoral e divulgado na manhã do primeiro turno das eleições. Publicações mais gerais sobre a necessidade de transparência no processo eleitoral somaram 10,29%. Importante ressaltar que o voto impresso foi mencionado de modo secundário em publicações nas outras quatro categorias, mas sua contabilização exclusiva ocorreu apenas em publicações em que sua menção ocorreu isoladamente.

O caráter conspiratório foi identificado em 55 publicações (80,88%). A deputada federal Carla Zambelli foi o perfil com maior destaque nesse conjunto, com 18 *posts*, seguida pelos influenciadores conservadores Oswaldo Eustáquio (7) e Alan Lopes (6). Entre as 13 publicações não-conspiratórias (19,12%), destacam-se o deputado federal Eduardo Bolsonaro, que utilizou-se de argumentos universais e tom sóbrio em 5 de suas 4 publicações, e o veículo de mídia conservadora de direita, Folha Política, que, em metade de seus vídeos, reportou declarações e acusações de atores políticos populares aos adeptos da tese de que as eleições são fraudadas. Isso significa que atores filiados à extrema-direita e canais informativos do conservadorismo radical como é a Folha Política realizou uma cobertura sistemática com tópicos e atores que endossam a ideia de fraude eleitoral, mas não recaiu em conspiração em parte dos seus relatos.

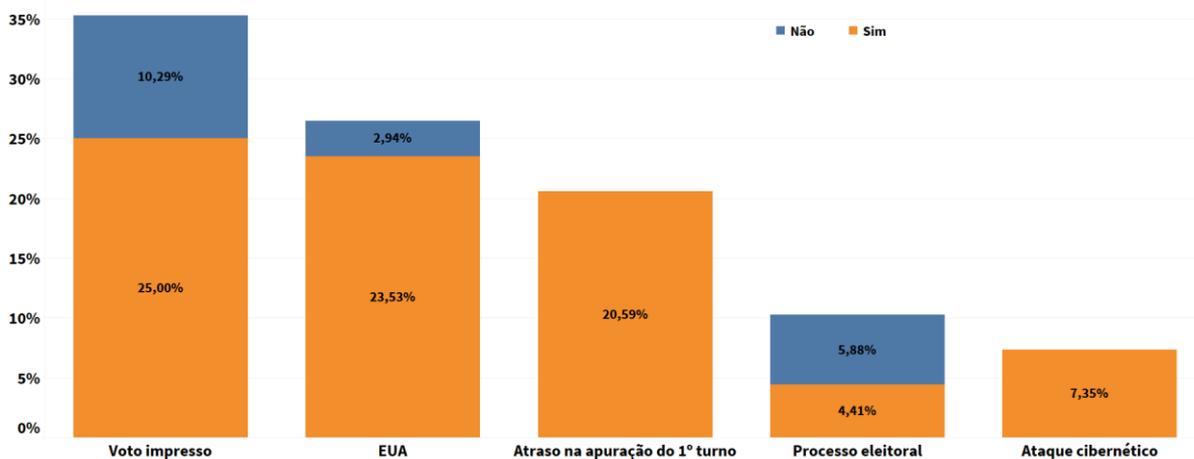
Gráfico 5 - Fontes que embasaram as publicações



Elaboração: Os autores.

Entre as fontes que embasaram as 68 publicações analisadas, destaca-se o alto número de *posts* baseados exclusivamente em opinião política dos emissores, isto é, de autoria própria (63,24%). É importante destacar que esse número, especialmente no Twitter, pode estar associado ao modo isolado como os conteúdos foram analisados, no entanto, a dinâmica de fragmentada de compartilhamentos de tuítes e a baixa presença de marcadores de “threads” são elementos que corroboram para a validação do alto número observado. Nos *posts* baseados em fontes, os atores políticos foram as principais referências das publicações (19,12%), seguidos por notícias da imprensa americana (10,29%) e da imprensa brasileira (7,35%).

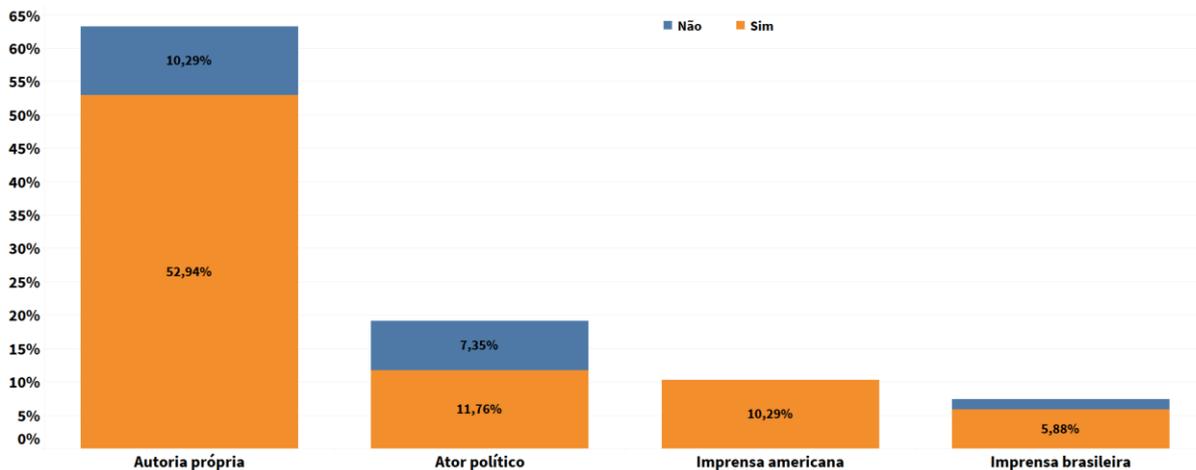
Gráfico 6 - Temas vs. conteúdos conspiratórios



Elaboração: Os autores.

A partir de um cruzamento dos dados sobre tema e conteúdos conspiratórios, é possível perceber como os incidentes ocorridos no primeiro turno das eleições municipais brasileiras de 2020 foram completamente capturados para um conjunto narrativo conspiratório. O tom conspiratório foi predominante em publicações sobre o processo eleitoral nos Estados Unidos e nos conteúdos sobre voto impresso. A exceção ocorreu em publicações sobre o processo eleitoral de maneira mais ampla, em que o tom conspiratório foi minoritário.

Gráfico 7 - Fontes vs. conteúdos conspiratórios



Elaboração: Os autores.

No cruzamento entre fontes e conteúdos conspiratórios, destaca-se o tom adotado em publicações derivadas de materiais originários da imprensa americana. O tom conspiratório também ocupou grande espaço. Há um maior equilíbrio nas publicações que mobilizaram declarações de atores do jogo político institucional, mas isso está relacionado a vídeos publicados pelo canal Folha Política, que apenas reportaram os acontecimentos relacionados ao debate público sobre a desconfiança no sistema eleitoral. Por fim, foi observado que apenas quatro das 55 publicações com teor conspiratório foram notificadas como falsas ou reivindicadas como contestáveis.

Imagem 1 - Publicações advertidas pelas plataformas

The image shows a collage of social media posts. On the left is a Facebook post by Carla Zambelli from November 8, 2020, with 68k likes and 51k shares. It features a video thumbnail with the text 'Informação falsa' and 'As mesmas informações foram conferidas por verificadores de fatos independentes em outra publicação'. On the right are two tweets from Oswaldo Eustáquio (@oswaldojor) and Luiz P. O. Bragança (@lpbragancabr) from November 15 and 16, 2020, respectively. Both tweets have been flagged as 'Esta reivindicação de fraude é contestada' and have significant engagement (likes, retweets, and replies).

Elaboração: Os autores.

Com isso, observa-se um cenário em que lideranças sociais e institucionais utilizam as plataformas de mídias sociais para a disseminação de discursos conspiratórios sobre o sistema eleitoral, sem constrangimentos por parte das plataformas. A notificação de apenas quatro publicações sugere que as ações de combate a discursos conspiracionistas sobre a credibilidade do sistema eleitoral não seguiram critérios rigorosos, contribuindo para sua circulação e disseminação entre redes.

Conclusões

Este trabalho busca entender e explicar o engajamento digital conformado em torno de pautas de teor conspiratório e antissistema capazes de influenciar negativamente o comportamento eleitoral e os rumos políticos no Brasil. Com base em estudos prévios sobre circulação de *fake news* e de conteúdos problemáticos *online*, partimos do pressuposto de que um dos eixos principais de articulação do conservadorismo radical no contexto nacional se volta à ideia de fraude nas urnas e de manipulação eleitoral. Essas teses, que perduram longitudinalmente como crença

em parte do eleitorado, têm se fortalecido nas últimas décadas junto à onda populista conservadora contemporânea e é retroalimentada por um ecossistema informativo cativo formado por uma amálgama de *sites*, páginas e líderes de opinião.

Assim sendo, a pesquisa analisa publicações sobre fraude nas urnas e farsa eleitoral publicadas no Facebook, YouTube e Twitter no período entre 1 e 30 de novembro, que cobre as eleições municipais brasileiras de 2020. Para isso, foram empregados dois níveis de análise. Na primeira, identificamos a posição de influência (desempenho digital) dos atores que publicaram sobre o tema em análise. Na segunda, optou-se por delimitar o Facebook como plataforma-referência, para examinar, nesse meio, a reverberação das publicações dos perfis mais influentes no YouTube e no Twitter. Na terceira, foi realizada uma análise de conteúdo para identificar o caráter conspiratório e as características dessas narrativas.

Inicialmente, concluímos que o núcleo de contas que disseminam ceticismo sobre o processo eleitoral com influência política *online* integram redes digitais do conservadorismo das direitas, como esperado. Nas três plataformas de mídias sociais, os perfis mais influentes são figuras públicas, entre representantes eleitos, incluindo o presidente da República Jair Bolsonaro e a sua base parlamentar de apoio ao governo, bem como canais informativos pertencentes aos *media* tradicionais e ao ecossistema conservador, além de influenciadores digitais. No Facebook e no Twitter, parte desses atores tem selo de verificação que distingue figuras públicas ou notáveis dos demais usuários. Como diferença, enquanto figuras públicas são mais relevantes no Facebook e no Twitter, no YouTube, a maior parte dos canais leva assinatura de uma marca, majoritariamente vinculada à ideologia conservadora ou ultraconservadora, como “Questione-se” e “Pátria & Defesa”. Há também forte presença de *youtubers* (criadores de conteúdos para a plataforma). Nessa fase, o estudo mostrou que certas notícias publicadas por veículos de comunicação, como BBC News e Jornal O Globo, são reapropriadas para corroborar com as suspeitas dessas redes. Contas com reputação *online* (como Quebrando o Tabu, Bruno Sartori, entre outras) aparecem como certa reação ao apelo de fraude, seja pela informação seja pelo humor.

Com base em um volume de 96 mil publicações coletadas, identificamos que o conjunto de contas mais influente no Twitter (11 dos 20 *posts*) se espalhou pelo Facebook com maior proporção do que a soma de atores mais relevantes do YouTube (8 dos 20 vídeos). Essas são contas de figuras públicas, majoritariamente influenciadores digitais, inclusive jornalistas, seguido de políticos e da mídia conservadora de direita. Na análise qualitativa de 68 das publicações feitas pelos 20 propagadores mais influentes, a maior parte tratou do voto impresso (35,6%). Na sequência, os temas Estados Unidos (26,47%), atraso no primeiro turno (20,59%), processo eleitoral (10,29%) e ataque cibernético (7,35%) foram importantes para as narrativas sobre fraudes eleitorais. O estudo mostrou que 80,88% dessas publicações podem ser classificadas como de caráter conspiratório - sendo que a maior parte desse conjunto foi publicada por uma deputada federal, nomeadamente Carla Zambelli (PSL), e por influenciadores digitais conservadores. Parte (19,12%) das publicações da ala de direita não foram necessariamente conspiratórias, embora explicitassem ceticismo em relação às urnas e ao processo eleitoral. Em geral, essas postagens foram quase sempre opinativas, mas parte teve como fonte de informação atores políticos (19,12%), a imprensa norte-americana (10,29%) e a imprensa brasileira (7,35%).

A análise mostrou que os postagens em tom conspiratório exploraram principalmente os eventos ocorridos no contexto eleitoral, repercutindo a reivindicação de fraude na corrida presidencial dos Estados Unidos, bem como o atraso do primeiro turno e o ataque cibernético, com espaço mais ampliado para a defesa do voto impresso, uma bandeira da ala conservadora e ultraconservadora brasileira. As publicações conspiratórias são quase sempre de autoria própria, isto é, opiniões políticas, ou estão embasadas em outra publicação feita por um ator político. Podemos considerar, portanto, que a elite política está na ponta de lança para alçar climas de opinião conspiratórios sobre a urna eletrônica e as eleições no Brasil. Embora não se trate de resultados conclusivos, os achados reforçam a importância do comprometimento e responsabilização dos atores políticos – que devem estar orientados para a preservação dos procedimentos institucionais, como parte substantiva dos alicerces da democracia, dos quais fazem parte –,



principalmente diante da potência e efeitos que as dinâmicas comunicacionais digitais ensejam. A radicalização do conflito entre membros da elite política, como tratado aqui, tem reflexo no público e pode subsidiar discursos e práticas de grupos antissistema.

Referências

ABRAMOWITZ, Alan. **The disappearing center: Engaged citizens, polarization, and American democracy**. Yale University Press, 2010.

ABRAMOWITZ, Alan; MCCOY, Jennifer. United States: Racial resentment, negative partisanship, and polarization in Trump's America. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, v. 681, n. 1, p. 137-156, 2019.

ALVES DOS SANTOS, M. **Desarranjo da visibilidade, desordem informacional e polarização no Brasil entre 2013 e 2018**. Tese (doutorado) — Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2019.

BENNETT, W. Lance; LIVINGSTON, Steven. The disinformation order: Disruptive communication and the decline of democratic institutions. **European journal of communication**, v. 33, n. 2, p. 122-139, 2018.

TAVARES, M; MOREIRA, D. O Voto Eletrônico no Brasil. In: **Estudos Eleitorais**. Tribunal Superior Eleitoral. v. 6, p. 160, 2019.

CHAGAS, V; CARREIRO, R. Macarthismo no Zap: Como se comporta a rede anticomunista de apoiadores de Jair Bolsonaro. In: CERVI, E. U.; WEBER, M. H. **Impactos político-comunicacionais nas eleições brasileiras de 2018**. Curitiba: CPOP / Carvalho comunicação, 2021.

DOURADO, T. **Fake news na eleição presidencial de 2018 no Brasil**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia. Bahia, p. 318. 2020.

FGV DAPP. **Desinformação On-Line E Eleições No Brasil**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <www.dapp.fgv.br>.

FGV DAPP. **O ECOSISTEMA DIGITAL NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2020 NO BRASIL: O buzz da desconfiança no sistema eleitoral no Facebook, YouTube e Twitter**. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2020.. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/30061>>.

FGV DAPP. **Desinformação on-line e Eleições no Brasil: a circulação de links sobre desconfiança no sistema eleitoral brasileiro no Facebook e no YouTube (2014-2020)**. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2020. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/30085>

GARRETT, R. Kelly; LONG, Jacob A.; JEONG, Min Seon. From partisan media to misperception: Affective polarization as Mediator. **Journal of Communication**, v. 69, n. 5, p. 490-512, 2019.



GOMES, W.; DOURADO, T. M. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 16, n. 2, p. 33–45, 2019.

GRAHAM, Matthew H.; SVOLIK, Milan W. Democracy in America? Partisanship, Polarization, and the Robustness of Support for Democracy in the United States. **American Political Science Review**, v. 114, n. 2, p. 392-409, 2020.

HAMELEERS, Michael; VAN DER MEER, Toni; Vliegenthart, Rens. Civilized truths, hateful lies? Incivility and hate speech in false information—evidence from fact-checked statements in the US. **Information, Communication & Society**, p. 1-18, 2021.

IYENGAR, Shanto; SOOD, Gaurav; LELKES, Yphtach. Affect, not ideology a social identity perspective on polarization. **Public opinion quarterly**, v. 76, n. 3, p. 405-431, 2012.

IYENGAR, Shanto; KRUPENKIN, Masha. The strengthening of partisan affect. **Political Psychology**, v. 39, p. 201-218, 2018.

IYENGAR, Shanto et al. The origins and consequences of affective polarization in the United States. **Annual Review of Political Science**, v. 22, p. 129-146, 2019.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. How Democracies Die: what history reveals about our future. **London: Viking**, 2018.

MUNN, L. More than a mob: Parler as preparatory media for the US Capitol storming. **First Monday**, 2021.

NICOLAU, J. **A PARTICIPAÇÃO ELEITORAL: EVIDÊNCIAS SOBRE O CASO BRASILEIRO***. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. **Anais...Coimbra**: 2004.

PIAIA, V. Comunicação política e construção da realidade: o WhatsApp nas eleições presidenciais de 2018. 2021. 182f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

PYRHÖNEN, N.; BAUVOIS, G. Conspiracies beyond Fake News. Producing Reinforcement on Presidential Elections in the Transnational Hybrid Media System. **Sociological Inquiry**, v. 90, n. 4, p. 705–731, 2020.

RECUERO, Raquel et al. Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a desinformação sobre COVID-19 no Twitter. 2020.

RECUERO, R. #Fraudenasurnas: Disinformation's discursive strategies on twitter during Brazilian 2018 elections. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 20, n. 3, p. 383–406, 2020.



SHANNON, C; WEAVER, W. **The mathematical theory of communication**. Urbana: University of Illinois Press, 1962.

SUNSTEIN, C. R.; VERMEULE, A. Symposium on conspiracy theories: Conspiracy theories: Causes and cures. **Journal of Political Philosophy**, v. 17, n. 2, p. 202–227, 2009.

TAVARES, A. R.; MOREIRA, D. R. R. O voto eletrônico no Brasil. **Estudos Eleitorais**, v. 6, n. 3, p. 9–32, 2011.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.